FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

O TUIUTI

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

ANO 2013 **MAIO** **N° 62**

INVASÃO DA FAZENDA NACIONAL DO SAICAN EM 1924[1]

(Hoje "Campo de Instrução Barão de São Borja" – Compilação da obra publicada sobre o histórico deste estabelecimento – Autor: Carlos Fonttes – carlosfonttes@ibest.com.br – Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS em Uruguaiana – dezembro de 2012).

Durante o movimento revolucionário de 1924, no RS, a Fazenda Nacional do Saicã, hoje "Campo de Instrução Barão de São Borja" CIBSB, foi invadida no dia 12 de novembro quando, após a derrota de "Guassu-Boi", em 9 de novembro, Juarez Távora e Honório Lemes voltaram-se contra esse estabelecimento.

Ivo Caggiani, já falecido, foi um benemérito historiador de Livramento que nos comenta em **Honório Lemes, um herói popular**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999, pg 144/153, obra para a qual este autor fez a capa, que as forças de Honório Lemes dirigiram-se à Fazenda do Saicã. Encontravam-se, nessa força os Comandantes Pedro Palma, Capitão Juarez Távora, Coronel Virgílio Viana, Dr. Gonçalves Viana (poeta) e o próprio Honório. Sitiada a propriedade militar, foi enviado ao seu Comandante um ultimato:

Ao Sr. Cmt do Destacamento Federal de Saicã. O General Honório Lemes da Silva, à frente de mil e duzentos homens, acaba de sitiar completamente as forças de vosso comando. Não tendo ele senão motivos para acreditar na simpatia com que o Exército vê o seu esforço para libertação do País convida-vos como amigo e camarada a aderirdes ao movimento revolucionário, acompanhando o gesto de outras guarnições federais, que o iniciaram neste Estado. Apela para o vosso patriotismo, esperando que não derramareis inutilmente o sangue de vossos camaradas. Caso queirais aderir ao movimento ou render-vos diante da impossibilidade de resistirdes, deveis mandar um piquete[2] vosso entender-se com ele, ou virdes pessoalmente combinar a reunião das forças. Pela Pátria e pela liberdade tudo esperamos da vossa nobreza e da vossa decisão. Viva o Brasil livre! Juarez Távora – Capitão Chefe do Estado Maior. Saicã, 13.11.1924 – às 4h20".

Intimado à rendição, o Cap OCTÁVIO PIRES COELHO, Diretor do Estabelecimento, com um efetivo de apenas 100 homens, entre os quais o 1º Ten ARI SALGADO FREIRE, que se passou, mais

---

[1] **Nota do Editor**: a interpretação deste trabalho deve ser feita à luz do contexto das Lutas Tenentistas de 1924 e não na Revolução de 1923, pacificada pelo Tratado de Pedras Altas (14 Dez 23). Honório Lemes, caudilho em 23, levantou armas para lutar novamente, mas neste outro contexto, o do tenentismo, no qual Juarez Távora teve importante participação.

[2] Grupo de cavaleiros.

tarde para o lado dos revoltosos, solicitou o prazo de duas horas, pois esperava reforços de 300 "Provisórios", vindos de Rosário, onde estavam acantonados (15º Corpo Auxiliar, sob o Comando do Cel Garibaldi Tomasi e um Esquadrão de civis de Rosário do Sul, chamados "Provisórios").

O Cel Historiador da Brigada Militar, José Luiz Silveira, à pag. 178 da obra "o Rio Grande pelo Brasil" (1897/1932) – editado em 1989, nos comenta que o Ten Ari, acima citado, que teria usado o nome do seu Comandante da Coudelaria, Cap Octávio Pires Coelho, já com intenção de aderir ao movimento revolucionário, dera missão a um Sargento para que fosse à Rosário e informasse, em nome do Cap Coelho, que poderia vir somente um Esquadrão e que a Coudelaria possuía farta munição. O Cel Tomasi, acreditando ser verdadeira a informação trazida pelo Sargento, fez seguir o Esquadrão dos Pachecos, comandado pelo Ten Octalício Pacheco, com 100 homens e pouca munição. Essa tropa – nos enfatiza ainda o historiador –

> "... deslocou-se por um corredor que cortava a Coudelaria, passando pela direita da mesma, considerando que pela outra estrada para a fazenda poderia encontrar o inimigo, por ser do lado de onde o mesmo vinha. Quando o Esquadrão em marcha de estrada atinge um local marcado por um cerrito, que ocultava a visão de quem vinha pelo corredor, mas antes de atingir esta posição, o cabo ordenança de Octalício, de nome Sampaio, velho guerreiro, notou movimento diferente na sede da fazenda e deu ciência ao seu Capitão. Este, por precaução, manda cortar o alambrado do corredor, e quando vai sair com a tropa para a direita do inimigo que, julgando ter sido descoberto, ataca o Esquadrão, fazendo um envolvimento. Os comandados de Octalício dão poucos tiros, esgotando a munição, e procuram o mato do Rio Santa Maria, que distava poucos quilômetros."

Nesse entrevero, foram usadas espadas no confronto corpo-a-corpo, ficando prisioneiros dos revolucionários oito combatentes do Esquadrão, <u>sendo seis deles sumariamente degolados</u> e enterrados no local, mais tarde, pelos soldados da Coudelaria, sem identificação, pois tudo que possuíam foram retirados pelos seus algozes. O Cap Octalício, ao retornar a Rosário confirmou as faltas desses homens.

Quando Honório tomou de assalto a Coudelaria, já havia suspeitado da vinda desse reforço e ocupou o estabelecimento sem derramamento de sangue receando, porém, o confronto com os "Provisórios" de Rosário, dentro de Saicã, onde havia famílias. Determinou então a retirada da tropa do recinto e preparou-se para um próximo combate, que realmente veio acontecer. É o Chefe do Estado Maior de Honório Lemes, Cap Juarez Távora quem nos comenta com detalhes à pag. 167 de suas memórias, "...Uma vida e muitas lutas" 1º Vol/BIBLIEx-1974, o seguinte:

> "...Receando o Cap Pires Coelho um encontro das tropas do General Honório com os "Provisórios" de Rosário, dentro de Saicã, onde havia famílias dos oficiais e praças, preveniu-me que aqueles provisórios, por ele convocados havia mais de uma hora, deviam estar se aproximando da Remonta. Dei conhecimento do fato ao Gen Honório, sugerindo-lhe a retirada da tropa do recinto e a tomada de dispositivo para o próximo combate. Pude observar, então, o extraordinário senso tático daquele velho caudilho gaúcho. Antes de mais nada, expediu um Pelotão de cavalarianos ao encontro dos "Provisórios", ordenando-lhes que ao defrontá-los dessem uns poucos tiros e disparassem, pelo mesmo caminho, de volta a Saicã. Em seguida, deixando pequena guarnição na coudelaria, deslocou o grosso de sua tropa para um ponto próximo da estrada de Rosário, onde o desdobrou, a cavaleiro da mesma e encoberto pela vegetação circunvizinha. Aí aguardou a passagem dos "Provisórios", que enviara a seu encontro. (Brigada Militar). Tudo correu como previra o General: dentro de meia hora, desfilavam, em nossa frente, em perseguição desordenada à pequena Patrulha revolucionária, todo o Corpo Provisório de Rosário. Honório mandou abrir fogo maciço sobre ele, ao mesmo tempo que o acometia, de flanco, com uma carga de sua cavalaria. Pegados de surpresa e de flanco, por tropa mais numerosa, os "Provisórios" debandaram em completa desordem, sendo acutilados e mortos em grande número durante a perseguição. A vitória foi rápida e completa.
>
> Mas teve uma feia mancha a desfigurá-la: percorrendo o campo de ação, pude verificar, com tristeza, que alguns adversários vencidos haviam sido degolados pelos vencedores. Manifestei minha repulsa àquela selvageria, declarando ao General Honório que, se ele não coibisse, peremptoriamente aquela prática, não me sentiria a vontade para continuar como Chefe do Estado-Maior de sua coluna. O General concordou comigo, e reunindo, naquele mesmo dia os

> seus comandantes de corpo, lamentou o ocorrido e recomendou-lhes transmitir a seus comandados a proibição terminante de tal brutalidade contra adversários vencidos...".

Na Coudelaria Nacional de Saicã foram arrecadados 85 fuzis Mauzer com 20.000 cartuchos embalados e mais 40 espadas, aumentando o poderio bélico dos revolucionários. Levaram ainda muitos cavalos de grande valor, além de objetos de uso pessoal dos elementos do contingente e das famílias, resultando em um verdadeiro saque (SILVEIRA, 1989, p. 180).

Fernando Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, tomando conhecimento daquele ataque, remeteu a Honório Lemes, o texto abaixo, em termos ásperos e com pesadas acusações pelo seu procedimento nesse combate, o qual transcrevemos:

> "Sr Honório Lemes, onde estiver no Rio Grande do Sul. É entre revoltado e contristado, que me dirijo ao Rio Grandense que nodoando as tradições que fazem o orgulho da nossa gente, se alia aos que praticam o roubo à mão armada sob o pretexto de regenerar os costumes políticos de uma terra de paz de que foi sempre a honestidade um dos mais honrosos títulos. Não ouso apelar para a vossa palavra porque a esta já faltastes, a despeito dos mais calorosos protestos de absoluta solidariedade com o Governo da República em termos que não permitem duvidar de sua sinceridade sem fazer injúria aos sentimentos que tornam os homens dignos uns dos outros. Inda uma vez: Não apelo para a vossa palavra. Quero tão só fazer-vos, se possível, quão dolorosamente aberra da moralidade de que se fazem pregoeiros aqueles que exploram a vossa bravura digna de melhor sorte, a pratica hedionda do saque organizado. Saque dos bancos, saque do comércio, saque das casas particulares, saque de todos os valores, numa avidez indecorosa que nos cobre de vergonha. É a pilhagem mais desabusada que já horrorizou a consciência dos que não tiveram o infortúnio de perder o senso da honestidade. Vejo de cá minha querida cidade natal – a formosa e próspera Uruguaiana – explorada ignobilmente pela ladroagem lvulgar exercida "manu militari". E a pilhagem não poupa os bens da União. Saicã, que tem custado tantos sacrifícios ao Tesouro Nacional, é torpemente saqueada. Apoderaram-se de reprodutores que custam dezenas de contos de réis. Saquearam literalmente as casas de habitações dos oficiais que lá servem dignamente ao Exército no exercício laborioso das nobres funções de seus cargos, longe dos centros populosos, privados dos atrativos das grandes cidades, fazendo prova de um belo espírito de sacrifício de devotamento patriótico. Dir-se-ia que essa luta armada em que vos empenhastes rasgando o acordo em Pedras Altas, não tem quaisquer que sejam os seus fins aparentes, não tem outro objetivo real senão este: apropriar-se com violência dos bens alheios numa rapina degradante. É infinitamente deplorável que os fatos de agora desmintam o que era uma distinção dos revolucionários de 1923. Refiro-me abstenção de recrutar adesões nos quartéis com sacrifício da disciplina, como acentuou brilhantemente, com inteira razão, o ilustre Deputado Pinto da Rocha. Faltai sem suma a vossa palavra, se vos convier, mas não avilteis o Rio Grande na ignomínia do saque. Fazei a guerra se quiserdes, mas a guerra honesta, se honesta pode ser uma guerra sem ideais e sem princípio. Ficai certo de que o Brasil inteiro se levanta, nesta hora, representado nos seus valores, como um só homem para a defesa e sustentação da ordem constitucional em todo o território da República – Marechal Setembrino". (CAGGIANI, 1999, p. 148).

Honório respondeu com duras palavras também, alegando ter se *"apoderado do material de guerra e que nenhum dos ordinaríssimos reprodutores ali existentes foi arrebatado..."*

Realmente podemos notar que Honório Lemes parecia não aceitar o Armistício firmado no castelo de Pedras Altas, de Joaquim Francisco de Assis Brasil, com o Ministro da Guerra, Gen Fernando Setembrino de Carvalho em 14 Dez 1923, retornando em 24 e continuando a combater desenfreadamente pelo Estado. A correspondência do Ministro, embora ríspida em certa altura, levava um apelo a Honório Lemes, evocando seu patriotismo e a promessa feita durante o pacto de 23, mencionando de que jamais pegaria em armas contra o governo constituído.

O Major Octávio Pires Coelho retrata, com minúcias, a invasão do Estabelecimento que estava sob seu Comando:

"Bagé, 3 de abril de 1926. Meu caro Cel Januário Corrêa. Cordiais saudações. Com prazer acuso a vossa apreciada carta datada de 28 do mês próximo findo, e na qual me solicitais informações a respeito do cerco da Coudelaria de Saicã e sua depredação pelas forças de Honório Lemes da Silva: Às 20 horas do dia 13 de novembro de 1924, recebi uma comunicação do Cel Belo, Vice Intendente em exercício, da Vila de Rosário, informando que "forças inimigas tinham sido observadas em Posto Branco, marchando em direção a Saicã e Rosário, que distava de nós apenas nove léguas". Imediatamente reforcei as minhas patrulhas de cavalaria, que tiveram maior profundidade no raio de observação na direção da serra do Caverá. Cerca de três horas da madrugada de 14, minhas patrulhas entraram em contato com a vanguarda das forças rebeldes e sob o comando de Honório Lemes. Informei ao Cel Garibaldi (Cel Garibaldi Tomasi, de Rosário – Grifo do autor), Comandante do 15º Provisório de Rosário, que o inimigo se aproximava e que eu lhe pedia recursos de suas forças, pois nós só dispúnhamos de 85 mosquetões, quarenta espadas e noventa homens para a nossa defesa. Em seguida entrei em ligação com o Major Luiz Morais, comandante de São Simão, informando-lhe da minha situação e pedindo recursos para repelir o inimigo. São Simão não dispunha senão de sessenta homens para a sua defesa e de nós se achava distanciado de cinco a seis léguas. Às quatro da madrugada, recebi comunicação do Coronel Garibaldi, dizendo que ás cinco horas faria partir um Esquadrão de cem homens em meu auxílio. Posteriormente, fui informado que esse Esquadrão lutou com bravura no Passo da Divisa, sendo derrotados por forças superiores que o rechaçaram, levando-o de roldão contra as matas do Rio Santa Maria, perdendo seis homens que foram degolados e mais tarde enterrados por gente de meu comando. Minhas patrulhas em diversas arrancadas fizeram um total de vinte e três prisioneiros, que foram recolhidos ao xadrez. Às seis horas da manhã, estávamos completamente sitiados por mil e duzentos homens. As forças inimigas estavam armadas de mosquetões e fuzis-metralhadoras; destas armas tenho bem lembrança de ter visto cinco delas, sendo que uma foi assestada atrás de minha casa, e uma outra em posição correspondente à secretaria. Ouvi da boca de um prisioneiro que Honório trazia doze fuzis-metralhadoras. Junto a minha casa ficaram oito granadas de mão deixadas pelos rebeldes. Quanto à munição trazida pelos revolucionários nada posso afirmar; entretanto, posso afirmar que eles levaram vinte e poucos mil tiros que possuímos pra nossa defesa, oitenta e cinco mosquetes e quarenta espadas. Sei que eles também se apoderaram de mais de cinquenta mil tiros que se achavam em poder dos oitenta homens que defendiam a ponte do Rio Santa Maria. O Tenente Antonio Pacheco de Campos salvou a honra do Exército, com a altivez que lhe é peculiar, respondendo com bravura e dignidade às palavras de Honório Lemes, quando este, apeando do cavalo disse: "Meus senhores, eu venho regenerar o Exército e a Nação". A estas palavras enfáticas do pseudo profeta da regeneração de um povo, o Tenente Pacheco de Campos respondeu: "Fresca regeneração, o Sr é um homem sem palavras e nocivo ao Rio Grande, eu o detesto e não entrego este mosquetão que tenho na mão que é a defesa de minha família"; dizendo outras palavras continuou no mesmo diapasão, sendo necessária a intervenção do Capitão Távora, que o aconselhou a calar-se, dizendo que "ali tinha muitos bandidos, sequiosos de sangue". Foi neste momento que o Tenente Pacheco replicou com mais energia, dizendo que "muito se admirava que o Capitão Távora dissesse isso e tivesse coragem de andar com tal gente". O Capitão Távora respondeu com o silêncio, baixando a cabeça. Passados estes momentos trágicos, determinei que minha força entrasse em forma, para entregarmos o armamento; nesta ocasião o Capitão Távora fez um discurso violento, convidando a minha tropa a aderir à revolta. Meus soldados conservaram-se firmes e silenciosos, apenas o Tenente Ari Salgado Freire comungou com os revolucionários e seguiu com a revolução. Após o discurso do Capitão Távora eu me dirigi aos meus leais soldados, dizendo-lhes que eu de modo algum aderia à revolução e não iria com os revolucionários, entretanto, diante da situação crítica de prisioneiros, eu dava plena liberdade aos meus soldados de seguirem a revolução, mas, se eles ficassem

comigo eu teria um grande prazer. A uma voz todos gritaram: "Não iremos com os revoltosos". Lembro-me que o soldado Manoel dos Santos Goulart, que se achava na extrema direita da minha força, gritou: "Nunca! Jamais iremos com esses bandidos. Não abandonaremos o nosso Capitão". E assim que entregamos o armamento, os soldados de Honório Lemes apontaram as armas em direção aos nossos peitos. Imediatamente em alta voz protestei, dizendo energicamente: "General, isto é uma infâmia que nos fazem apontarem as armas contra nós, depois de termos feito a entrega de nossas armas e nos considerarmos prisioneiros". O Capitão Távora que estava próximo deu ordem para que seus homens suspendessem as armas e nos pediu desculpas, dizendo: "São uns gaúchos boçais, desculpem". – São estas, meu caro Coronel Januário, as informações ligeiras que vos posso prestar e delas podeis fazer o uso que entenderdes em favor da verdade histórica. Sem mais assunto, abraço-vos cordialmente o amigo e ador.agr. Major Otávio Pires Coelho, Cmt do 12º RCI" (Ivo Caggiani, pg 149/52 – "Honório Lemes – Um herói Popular"- 1999).

O então Capitão OCTAVIO PIRES COELHO, no Comando da Coudelaria publicou em seu Boletim nº l64, de 19 de novembro de 1924, o seguinte sobre a invasão e tomada daquele Estabelecimento:

"INVASÃO DE REVOLUCIONÁRIOS – É impossível deixar de dar conhecimento ao Sr Diretor da Remonta, que na madrugada de 14 do corrente mês foi esta Coudelaria, sitiada por 1.200 (não atingiam a 700 segundo opinião do Diretor do S.Remonta) ao mando do intitulado regenerador do Exército Nacional – O Sr HONÓRIO LEMES, que com seus companheiros assaltou este próprio Nacional – com uma voracidade desmedida. É fácil avaliar o nosso constrangimento, apesar do resultado do ataque inopinado de que fomos vítimas, sem podermos defender os interesses da nação, que foram sacrificados pela fúria dos assaltantes. E apesar da superioridade numérica dos inimigos da ordem, não esmorecemos em lançar mão dos fracos recursos disponíveis para defender este patrimônio que o Governo colocou sob a nossa guarda e direção. A uma hora da madrugada de 14 fomos informados pela nossa patrulha de Cavalaria, que pequenos grupos se aproximavam vindos do lado da Serra do Caverá. Imediatamente mandei reforçar nossas patrulhas de cavalaria, que maior atividade desenvolveram no serviço de vigilância e reconhecimento. O resto do pessoal armado à infantaria, tomou posição nas circunvizinhanças da sede da Coudelaria para defender um provável ataque por parte de forças revolucionárias que visassem arrebanhar a nossa cavalhada e adquirir outros recursos de guerra. Comuniquei-me com São Simão, Rosário e Comando da Região, dizendo que estava sendo atacado, e a todos solicitei reforços para a defesa, infelizmente os auxílios chegaram tardiamente. As duas horas da madrugada tornou-se patente, diante das informações de nossas patrulhas que estávamos sendo sitiados por forças revolucionárias em número superior. Nossas patrulhas de cavalaria continuaram no desempenho activo de suas funções de vigilância e apesar da escuridão da noite ventosa e fria, conseguiram fazer vinte e três prisioneiros que foram desarmados e recolhidos ao xadrez. As seis horas da manhã estávamos completamente sitiados e com as comunicações interrompidas. Às seis horas e meia estávamos de posse do "ultimatum" assinado pelo Sr Cap JUAREZ TÁVORA, que em nome do Sr HONÓRIO LEMES, impunha a rendição ou adesão para evitar derramamento de sangue de nossos irmãos. Reuni os oficiais para responder ao ultimatum e quando mandei a resposta convidando o Sr Honório Lemes a vir conferenciar comigo, a secretaria foi invadida por um grupo de revolucionários. Diante da pharmácia recebi o Sr Capitão Távora e o Sr Honório Lemes, que verbalmente declarou-me querer regenerar o Exército Nacional, e por isso convidava-me a render-me ou aderir à revolução libertadora. O nosso pessoal entrou em forma para ouvir a palavra do Sr Cap Juarez Távora, convidando-os para seguir com a revolução terminando o seu discurso incendiário, dirigi-me a nossa gente dizendo-lhes que todos tinham a liberdade de escolher, ou seguissem com os revolucionários ou ficassem com o Diretor, apenas o Sr

1º Ten ARY SALGADO FREIRE, declarou diante da tropa que aderia à revolução e imediatamente se incorporou aos revoltosos. O armamento e a munição da nossa tropa foram entregue aos revolucionários, que de armas apontadas contra nós, impunham o nosso desarmamento. Nossas arrecadações foram arrombadas pelos revolucionários, que saquearam todo nosso fardamento, arreamento, munição, roupa de cama, calçados e grande quantidade de objetos que estavam na arrecadação. Saquearam ainda a Cooperativa e inutilizaram artigos e gêneros existentes, foram ao contingente e levaram o equipamento e um resto de munição. Foram às coudelarias e arrebanharam os reprodutores, Lord Berlvoir, Morrião, Itagiba, Itassucê, Alonzopoto e Balkan, este continua faltando, os outros foram arrecadados no dia seguinte ao assalto. Grande número de éguas de campo se achavam em cobertura foram levadas pelos revolucionários e bem assim muitos cavalos mansos pertencentes à Fazenda. Foram arrombadas as Oficinas de Ferreiro e de Carpintaria, que também foram saqueadas. As vidraças da coudelaria foram quebradas, os aramados em geral foram cortados. A casa do Sargento ALCIDES CORREA BARRETO, foi arrombada e saqueada, muitos ranchos de praça foram arrombados e saqueados. O telégrafo que atravessa o campo da coudelaria foi cortado, os aparelhos telefônicos e os fios da luz elétrica também foram danificados, a plantação de aveia também sofreu grandes prejuízos. Em conseqüência ao ataque à esta Coudelaria, foi extraviada uma potranca pura de nome "Tempestade" e morreu a égua pura "GAUCHITA", o cavalo puro de nome "Jacuhy", foi levado pelo 1º Ten. ARY SALGADO FREIRE. Os revolucionários seguiram o anspeçada PEDRO DE OLIVEIRA, Soldado MANOEL MARIA GUEDES, ALMEDORINDO MENEZES e DOMINGOS IZAGUIRRE. Às sete e meia da manhã, veio em nosso auxílio o 15º Corpo Provisório da Vila de Rosário, que nos prestou relevantes serviços tiroteando o inimigo nos campos arrendados ao Sr JOÃO BOMFIGLIO e retomando parte da nossa cavalhada, fazendo com que os revoltosos se retirassem precipitadamente, deixando cavalhada e não completando o saque. Nos campos da coudelaria morreram seis praças do Regimento Provisório que foram encontrados degolados e enterrados pela nossa gente. Ao encerrar este rápido Relatório cumpro ainda o dever de elogiar o 1º Ten ANTENOR PACHECO DE CAMPOS, que durante a noite do cerco prestou relevantes serviços comandando forças na defesa da coudelaria e portando-se dignamente com lealdade que o caracteriza como oficial brioso e decidido à luta em prol da legalidade. Também elogio o Tenente DARCY AZAMBUJA BARBOSA, 2º Ten., que espontaneamente colaborou na defesa da coudelaria mostrando sangue frio e dedicação na defesa da ordem e da legalidade. Com satisfação elogio o 2º Sargento LEONEL RODRIGUES SOARES NETTO, que se portou com coragem como comandante dos piquetes de cavalaria e finalmente eis o ultimatum..." (Já transcrito neste).

Como pequeno esclarecimento à nossa história, ao ser transformada a Guarda Cívica em Brigada Militar em 15 de outubro de 1892, foram criados, em Porto Alegre, o 1º Batalhão de Infantaria (21 de outubro) e o 1º Regimento de Cavalaria (10 de novembro) quando surgiram os Corpos Provisórios pelo Ato nº 406, de 21 Dez 1892, num total de dezessete, e um Esquadrão de Cavalaria (civis), subordinados à corporação e distribuídos, principalmente, na região da fronteira. Esses Corpos foram dissolvidos em 1937, pelo Ministro do Exército. Eram constituídos de civis, que embora fardados, auxiliavam como paramilitares a Força Federal e tropas da Brigada Militar do

Acampamento do 15º Corpo Auxiliar – Arquivo Histórico do Exército

estado, para a manutenção da ordem pública. Quando criado o 15º Corpo Provisório, ele teve sua parada na cidade de Caçapava do Sul.

Após o episódio da Coudelaria de Saicãn, Honório segue com sua tropa para São Simão, onde era comandante o Cap Luiz Morais, com um contingente de 60 homens que também se renderam às tropas revolucionárias. Dali, eles cercaram uma guarda de 80 homens do 5º RAM (Santa Maria), que guarnecia a grande ponte do Rio Santa Maria, no entroncamento.

E assim continuou pelo Rio Grande essa revolução, que ceifou muitas vidas e colocou irmãos contra irmãos.

Próximas atividades da AHIMTB/IHTRGS

- Dia 18 de maio: às 1500 h, no Salão Brasil do CMPA: premiação do 2° Concurso da Poesia Gauchesca Jayme Caetano Braun da Estância da Poesia Crioula, na qual o nosso acadêmico Evilácio Saldanha será premiado (já realizado o evento);
- Dia 22 de maio: posse dos generais Bolivar e Vasconcellos como 1º e 2° Presidentes de Honra da AHIMTB/RS, no gabinete do Cmt Militar do Sul, às 1400 h. Posse do Cel Aires, Diretor do Museu do CMS como Membro-Efetivo. Todos os acadêmicos e membros-efetivos estão convidados;
- Dia 27 de maio, em Uruguaiana: lançamento do livro **Retrato de uma rendição**, do acadêmico e Delegado Sgt Carlos Fonttes;
- Dia 31 de maio: posse do Membro-Efetivo Dr. José Carlos Teixeira Giorgis como Membro do Instituto Histórico e Geográfico do RS (IHGRGS) no Auditório do Instituto, à rua Riachuelo, 1317, 3° andar, em horário ainda não confirmado;
- Dia 11 de junho: no Salão Brasil, do CMPA, lançamento do livro “Memórias do Coronel”, do Cel Juvêncio Saldanha Lemos, a partir das 1800 h. Todos estão convidados; e
- Em setembro, em dia não confirmado: Sessão Magna da AHIMTB/RS no Salão Brasil, com a presença do Cel Bento, quando serão realizadas diversas posses.

EDITOR: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
AHIMTB/RS – IHTRGS
lecaminha@gmail.com